

COLOQUE SUA ALMA
MATUTA PARA FORA E CONHEÇA O

PARAIBANÊS

Um palavreado gostoso de falar, com um dialeto forte e arretado. Curta essa viagem ao mundo das expressões autênticas nordestinas.

Por Roseane Meneses

Cada região tem sua forma específica de falar. A língua portuguesa é uma das mais difíceis de aprender por conter muitos termos parecidos e com diferentes interpretações, a exemplo da palavra manga que pode ser uma fruta ou uma parte da camisa; sendo assim, temos uma língua cheia de nuances. Na Paraíba, além da sonoridade do sotaque, encontramos um rico e legítimo dialeto classificado de “paraibanês”. Devido à colonização portuguesa e com forte influência holandesa e espanhola nosso dialeto é diversificado.

Essa linguagem traz consigo a simplicidade do matuto nordestino e revela também seu modo de encarar a vida com graça e leveza. Muitos dizem que o nosso sotaque é gostoso de ouvir, é arrastadinho, é melódico. Correntes linguísticas defendem a língua em todas as suas esferas, creditando valor a cada forma de expressão como legítima. Temos na Paraíba uma forma de expressão diferenciada. O “paraibanês” é uma forma de expressão aplicável e de fácil compreensão. Tem um toque de humor, de ingenuidade e, ao mesmo tempo, é produto da sagacidade e irreverência do povo paraibano. Costuma-se falar aqui que está “aperreado” com a conotação de que está agitado ou chateado. Falar assim talvez não soe bem em outro lugar, ou seja, pode ser visto como algo feio, mas tal expressão nos remete a um rico português arcaico, em que cachorros eram perros (ainda são em espanhol) e estar aperreado queria dizer o mesmo que estar entre “perros”. No período de União Ibérica, compreendido entre 1580 a 1640 quando Portugal e Espanha

constituíram um só país tendo o Brasil sob domínio espanhol, várias formas verbais surgiram desse intercâmbio entre colonos portugueses e espanhóis como “vinhesse” (“viesse”); também o “oitcho”, em vez de oito (vindo do castelhano “ocho”), “leiche”, em vez de “leite” (do castelhano “leche”), “pregunta”, no lugar de “pergunta”, entre outras.

A linguagem regional é uma herança cultural legítima, passada de pai para filho, através de um povo que não perdeu seus traços tradicionais frente a uma educação moderna, detendo assim sua riqueza histórica. Um representante desse estilo “paraibanês” é o poeta Jessier Quirino. Sua obra é voltada para a cultura nordestina, possuindo uma abordagem lírica, criativa e engraçada de pontuar o estilo de se falar e agir do povo matuto, sempre observando as coisas ao seu redor e buscando agregar valor a tudo sua poesia campeira, que respeita as tradições nordestinas, é uma bandeira a ser levantada. Por ser um dialeto autêntico e rico tem que ser democratizado e não tratado como uma deformação gramatical. Sua obra traz leveza e brinca com a língua com muito respeito, até porque toda forma de expressão é legítima e deve ser enaltecida.

Coloque sua alma matuta no patamar das alturas, venha à Campina Grande, esqueça os cristais impostos por “pseudos intelectuais”. Deleite-se na sonoridade, graça e beleza do paraibanês. Viva as variedades regionais! Viva à diversidade! Viva o sotaque que diz a nós mesmos e ao mundo quem somos!